Os Retirantes (1879), de José do Patrocínio: texto fundador da literatura da seca

The retirantes (1879), by José do Patrocínio: founding text of the dry literature

Denise Rocha

RESUMO: O objetivo do estudo do romance *Os Retirantes*, publicado em 1879, é demonstrar que ele foi o introdutor do Realismo-Naturalismo no Brasil e da literatura da seca, que causou grande impacto nos escritores contemporâneos e naqueles da Geração de 1930. Para isso serão abordados dois aspectos: 1- A seca como fenômeno climático e social no Ceará: natureza depauperada; desagregação familiar; pessoas esquálidas, doentes ou mortas; saques aos comboios e aos armazéns com provisões alimentícias; ataques de bandidos; prostituição; assédio sexual de mulheres pobres; animalização humana e canibalismo; sacrifício de animal doméstico para alimentação; epidemias, emigração para outros estados, entre outros aspectos, e 2- As relações de poder em época de escassez de água e alimentos. A obra de José do Patrocínio (1853-1909), baseada em investigações sobre a seca, que ele fez no Ceará, fundou um tipo de literatura com elementos regionais e influenciou ambientes literários, culturais e sociais, será estudada pela perspectiva das "paisagens do medo", de Yi-Fu Tuan.

ABSTRACT: The aim of the study of the novel *The Retirantes*, published in 1879, is to demonstrate that he was the introducer of Realism-Naturalism in Brazil and the literature of the drought, that caused great impact in the contemporary writers and in those of the Generation of 1930. For this Will be addressed two aspects: 1- Drought as a climatic and social phenomenon in Ceará: depleted nature; Family breakdown; Squalid, sick, or dead people; Withdrawals to trains and warehouses with food supplies; Bandit attacks; prostitution; Sexual harassment of poor women; Human animalization and cannibalism; Pet sacrifice for food; Epidemics, emigration to other states, among other aspects, and 2- Power relations in times of water scarcity and food. The work of José do Patrocínio (1853-1909), based on research on the drought, which he did in Ceará, founded a type of literature with regional elements and influenced literary, cultural and social environments, will be studied from the perspective of "landscapes of the Fear "by Yi-Fu Tuan.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo-Naturalismo; literatura da seca; paisagem.

KEYWORDS: Realism-Naturalism; Drought literature; landscape.

Introdução

"A seca tem sido inverno para muita gente".
José do Patrocínio. *Os Retirantes*, 2014, p. 376.[1]

No dia 10 de maio de 1878, José do Patrocínio (1853-1905),[2] jornalista da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, partiu para Fortaleza, capital da província do Ceará, a fim de acompanhar a aplicação dos recursos governamentais de combate à seca, devido a diversos tipos de denúncias: apadrinhamento político na nomeação de cargos ligados aos programas de assistencialismo aos flagelados, corrupção e apropriação indébita de recursos - gêneros alimentícios, medicamentos, tecidos, dinheiro etc.- pelos chefes das comissões de ajuda do interior, entre outros aspectos. As constatadas irregularidades resultaram na suspensão das medidas de socorro, a qual provocou o êxodo de famílias de todas as classes sociais, em condições precárias, para a capital. Na cidade invadida por milhares de subnutridos, estes eram submetidos ao sistema de

1 A fala de um retirante anônimo em Fortaleza reflete um dos *leitmotive* do romance: a corrupção de funcionários responsáveis pelos programas de ajuda aos necessitados no interior que foi um fato históricos nos anos 1877-1878.

2 José do Patrocínio (1854-1905) era filho natural do padre João Carlos Monteiro e da escrava Justina. Passou a infância na fazenda da Lagoa de Cima, de seu pai, onde presenciou a situação desumana dos cativos. Concluiu o curso de Farmácia da Faculdade de Medicina, em 1874. Ingressou no Clube Republicano no qual participavam Quintino Bocaiúva, Pardal Mallet, Lopes Trovão, João Rodrigues Pacheco Vilanova e outros. Publicou, em 1875, o quinzenário *Os Ferrões*, com Demerval da Fonseca. No ano de 1877, iniciou suas atividades jornalísticas na *Gazeta de Notícias* e partiu, como correspondente do jornal, para o Ceará, a fim de investigar a situação da seca (1878). Um ano mais tarde publicou *Os Retirantes* e iniciou sua campanha pela Abolição na coluna *Semana Parlamentar*, do mesmo periódico, e adentrou à Associação Central Emancipadora, da qual participava Joaquim Nabuco, entre outros. Em 1881, seu sogro o ajudou a comprar a *Gazeta da Tarde*. Patrocínio fundou a Confederação Abolicionista e redigiu seu manifesto que foi assinado por André Rebouças e Aristides Lobo. No ano de 1882, o jornalista fez campanha abolicionista no Ceará que emancipou todos os seus escravos, em 1884. Em setembro de 1887, ele deixou a *Gazeta da Tarde* e passou a dirigir o jornal *Cidade do Rio*, onde pode saudar a abolição da escravatura em 1888. Anti-republicano se opôs a Floriano Peixoto, em 1891, sendo desterrado para Cucui. Dois anos mais tarde, seu jornal *Cidade do Rio* foi suspenso. Patrocínio escreveu três romances: *Pedro Espanhol* sobre o banditismo, *Os Retirantes (1879)* e *Mota Coqueiro ou a pena de morte* (1887), narrativa sobre personagem histórico (Manuel da Mota Coqueiro), um fazendeiro rico e idoso que foi condenado e morto na forca (1855), por ter sido o suposto mandante do assassinato de uma família de colonos, cuja filha jovem teria engravidado, em sua fazenda, em Macaé, Rio de Janeiro. O caso revelou ser um dos maiores erros judiciais do Brasil. (JOSÉ, s.d., *on-line*).

abarracamentos na periferia (casebres de palha e acomodações debaixo de árvores, ao ar livre), e viviam em péssimas condições de higiene, expostos às enfermidades e à promiscuidade.

Durante cerca de três meses, José do Patrocínio percorreu regiões assoladas pela estiagem e contratou o fotógrafo local, Joaquim Antônio Corrêa, para fazer o registro de pessoas, que seguiram para Fortaleza, a maior parte do tempo a pé, e cujos êxodos foram marcados pelas faltas - a de água, a dos mantimentos, a do transporte ferroviário, a dos medicamentos etc.- Testemunha ocular das tragédias individuais e coletivas, Patrocínio escreveu artigos sobre o tema, enviados, em 1878, para a *Gazeta de Notícias* e para *O BESOURO*-folha illustrada, humorística e satyrica-, bem como *Os Retirantes*.

Os personagens - membros das conceituadas famílias Queiroz e Monte[3] e a da simples Raimunda (Mundica), entre outros anônimas - partem para Fortaleza, em busca de uma vida melhor e são confrontados com cenas catastróficas durante a diáspora: natureza depauperada; desagregação familiar; pessoas esquálidas, doentes ou mortas; saques aos comboios e aos armazéns com provisões alimentícias; ataques de bandidos; prostituição; assédio sexual dos detentores do poder; animalização humana e canibalismo; sacrifício de animal doméstico para alimentação; epidemias, entre outras tragédias individuais. Na capital, eles encontram uma cena dantesca: multidões de flagelados em estado precário de saúde, de higiene e desnutrição que ocupavam as ruas e praças e pedintes desesperados em uma cidade imersa surto de urbanização.

3 Patrocínio revela-se um pesquisador para a escrita do romance, pois além de investigar os fatos em jornais da região e com pessoas afetadas diretamente pela seca, algumas das quais foram fotografadas a pedido dele, o mesmo evoca um fato histórico cearense, o confronto entre as famílias Monte e Feitosa no sertão de Inhamuns.

Em *Os Retirantes*, Augusto Feitosa apaixona-se por Irena Monte, cujo pai proíbe o namoro por causa das rivalidades familiares.

Retirantes no romance são também os participantes de um triângulo amoroso ardente - padre Paula,[4] Eulália e Mundica-, iniciado na vila de B.V. (Boa Viagem), cujos caminhos de amor, ciúme e vingança, no final do ano 1877 e começo de 1878, se entrelaçam desde a viagem forçada pela seca que os levou, inicialmente separados, para Quixeramobim, Quixadá, Conceição, Baturité, Arronches até Fortaleza.

No artigo *A miséria na literatura*: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará, Frederico de Castro Neves acentua que a obra, Os *Retirantes,* mostra a decadência socioeconômica:

> A rapidez dessa decadência está ligada, de um lado, à desagregação da família camponesa, obrigada a circular pelas estradas destruídas e perigosas, por várias localidades, antes de dirigir-se à Fortaleza. Nesses sinuosos trajetos, narrados em parte no romance (na medida em que se cruzam com a trajetória dos Queiroz ou dos Monte), perdia-se a altivez e a proximidade cada vez maior da fome anestesiava os mecanismos de defesa da honra. Mortes e desencontros, nestes caminhos extremamente longos e secos (lembre-se não só da qualidade das estradas no Ceará do século XIX, mas também da distância que esses retirantes eram obrigados a percorrer), desfaziam a unidade familiar, por vezes pela partida ou morte de seu chefe, por vezes, pela ação desmoralizadora de elementos depravados de camadas mais abastadas, que rondavam permanentemente a desgraça dos pobres, especialmente das pobres donzelas. (NEVES, 2007, p. 93)

A seca, a fome e s doenças como “paisagens do medo”, serão estudadas segundo a concepção de Yi-Fu Tuan, em imagens concretas e literárias, que podem ser apreendidas nas fotografias, encomendadas por Patrocínio, e no seu romance, com destaque para as paisagens realistas-naturalistas da gente, fauna, flora e topografia.

4 O caráter anticlerical do romance, no qual outro religioso canalha também aparece, pode ser atribuído à biografia do autor, cujo pai, João Carlos Monteiro, era um conhecido padre que não o reconheceu publicamente.

1-A natureza desfigurada (Tuan)

Yi-Fu Tuan, em seu livro *Paisagens do medo*, esclarece:

> Pense agora nas forças hostis. Algumas delas, como a doença e a seca, não podem ser percebidas diretamente a olho nu. A paisagem de doença é uma paisagem das consequências terríveis da doença: membros deformados, cadáveres, hospitais e cemitérios cheios e os incansáveis esforços das autoridades para combater uma epidemia [...]. A seca é a ausência de chuva, também um fenômeno invisível, exceto indiretamente pela devastação que produz: safra murcha, animais mortos e moribundos, pessoas mortas, desnutridas e em estado de pânico. (TUAN, 2005, p. 13).

As reflexões de Tuan sobre a paisagem deteriorada serão o aporte para a análise de *Os Retirantes*: a elaboração estética da seca, como fenômeno climático e cíclico, que degradou a natureza a *locus horribile*, e atingiu uma dimensão social fatídica devido à suspensão do programa de ajudas aos flagelados que os levou, em condição sub-humana, por estradas perigosas até Fortaleza.

2- Seca e governo cearense no século XIX

Os reiterados pedidos de ajuda para auxílio mais prolongado aos flagelados da seca, no ano de 1877, foram boicotados pelo governo, segundo Tomás Pompeu Filho, na obra *Ensaio Estatístico do Ceará* (1893):

> O governo, mal inspirado, recusou em fins de 1877 a enviar socorros para o interior. [...] O êxodo tornou-se geral. Para a capital, Aracaty (sic), Sobral, Granja, Camocim e outros povoados do interior afluíram milhares de pessoas. Em todos eles a população adventícia era tríplice, quádrupla, até decupla (sic) da estável e, como faltassem casas para acomodá-la, ficavam ao relento, debaixo de árvores ou amontoados em sítios estreitos. As conseqüências (sic) deste regime não tardaram; febres de mau-caráter, varíola, prostituição, vadiagem e todos os seus

> consectários desenrolaram-se triste e dolorosamente. (POMPEU FILHO, 1893, p. 33).

O estudo *A Sêcca nas Províncias do Norte*, de André Rebouças, publicado em 1877, teve grande repercussão na capital do império e suscitou discussões a respeito das causas do flagelo, dos modos de combatê-lo e do envio de auxílios.[5]

O farmacêutico Rodolpho Theofilo, autor do romance *A Fome* (1890) e contemporâneo da tragédia, escreveu em *História da Secca no Ceará (1877-1880),* publicado em 1922, que Fortaleza recebeu migrantes de outros estados, como o Piauí, e a situação era péssima devido à fome e às doenças (THEOFILO, 1922, p. 356). [6]

Os retirantes aptos atuavam nos serviços de calçamento das ruas centrais da capital e nas obras da estrada de ferro de Baturité. Era possível receber ajuda para migração ao Pará, Amazonas, São Paulo e Rio de Janeiro (NUNES, 2009, p. 4 e 5), conforme esclarece Francivaldo Alves Nunes no artigo *Interesses e sentimentos caritativos nas ações de filantropia no Brasil (Caso da seca de 1877).* [o personagem Rogério Monte, criador de animais, teve que trabalhar em serviço com pedras em Fortaleza e a tia e irmãs de Eulália migraram para outro estado].

3- José do Patrocínio e a reportagem investigativa da seca no Ceará (1878)

As consequências da seca do Ceará, publicadas no estudo de Rebouças (1877), mencionado anteriormente, e o envio governamental de retirantes para viverem no Rio de Janeiro etc., levaram José do Patrocínio a denunciar no artigo *Sermão de*

5 Na obra *Os degredados filhos da seca*, os autores Itamar de Souza e João Medeiros Filho enfatizam que, por causa da seca de 1877, a população de Fortaleza teria aumentado: no ano de 1872 tinha 21 mil habitantes e, em 1878, 114 mil. (SOUZA; MEDEIROS FILHO, 193, p. 52).

6 Segundo a fala do presidente da província do Ceará, Dr. Júlio de Albuquerque Barros, no dia 1º de novembro de 1878, eram diversos os tipos de socorro público:esmolas para famílias que não podiam subsistir do trabalho; salários para aqueles considerados "válidos" e estavam em serviços públicos; alojamentos e roupas; rações para os recém-chegados e emigrantes; transportes; e medicamentos e dietas para os doentes (CEARÁ, 1879, p. 48). Os chamados "socorros públicos oficiais" foram ampliados por outras formas de solidariedade, como a campanha de arrecadação liderada na corte pelo médico cearense Liberato de Castro Carreira.

Lágrimas, publicado na edição de 4 de maio de 1878, de *O BESOURO*-folha illustrada, humorística e satírica, não somente a especulação com os gêneros alimentícios, bem como a situação da decadência moral das moças que viviam em abrigos cariocas:

> Enquanto que os desventurados filhos do Norte veem a ganância envenenar com cal a farinha, especulando assim torpemente com a infelicidade de um povo; nós os moradores da corte vemos o governo consentir que as províncias desoladas sejam offendidas nos seus brios e honestidade. E a voz publica que todos os dias sahem do asylo de emmigrantes grande número de donzellas cearenses, cuja boa fé é ilaqueada por indivíduos que lhes fallam como contractadores de trabalho e que por fim as transformam em mulheres perdidas. (PATROCÍNIO, 1878, p. 35 e 36).

No dia 10 de maio de 1878 partiu Patrocínio, como jornalista da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, para observar no Ceará, as mazelas da seca. Ele contratou o fotógrafo Joaquim Antònio Corrêa, proprietário de um ateliê na rua Formosa, em Fortaleza, para documentar o estado de saúde de retirantes esquálidos. [7]Além das matérias enviadas para o jornal, publicadas na primeira folha, na coluna *Folhetim,* sob o título *Viagem ao Norte*,[8] ele remeteu duas fotografias de pessoas afetadas pela anasarca (ventre volumoso), para Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905), chargista português de *O BESOURO*, como prova documental dos horrores provocados em seres humanos.

7 Trata-se de catorze fotografias que estão no Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

8 Edições de 1 e 6 de junho; 20 e 23 de julho; 3, 15, 22 e 30 de agosto e 7 e 12 de setembro de 1878.

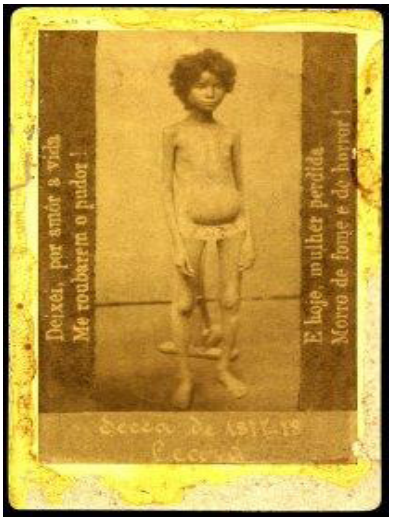

Figura 1 e 2- Meninos afetados pela seca. (Foto de J. A. Corrêa, Ceará).
(Secca de 1877-78. Ceará / Acervo FBN)

Rafael Bordallo adaptou as duas fotografias para formato *cartes-de-visite,* colocou ambas em uma mão descarnada e escreveu um texto provocativo: "Estado da população retirante... e ainda há quem lhe mande farinha falsificada e especule com elles!!!"

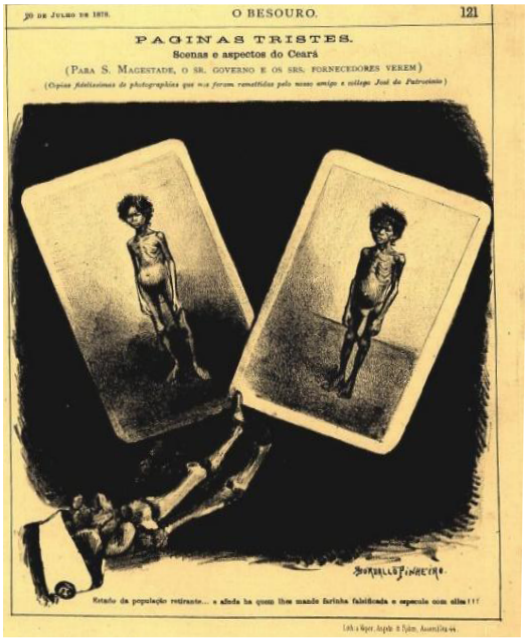

Figura 3- Desenho e texto de Rafael Bordallo Pinheiro
O Besouro, 20 de junho de 1878, nº 16, p. 121.

A montagem foi publicada (20 junho 1878, p. 21), nas "PÁGINAS TRISTES. Scenas e aspectos do Ceará", continha a mensagem: "(PARA S. MAGESTADE, o SR. GOVERNO E OS SRS. FORNECEDORES VEREM). Cópias fidelíssimas de photographias que me foram remetidas pelo nosso amigo e collega José do Patrocínio)".

No editorial,[9] denominado de O CEARÁ, foi esclarecido que as fotografias são "dois verdadeiros quadros de fome e miséria", apesar dos "apregoados socorros".[10]

4- *Os Retirantes* (1879): a seca como paisagem geográfica e humana

A longa narrativa, que elabora o painel documental da realidade cearense nos anos 1877 e início de 1878, está dividida em três partes - *A Paróquia Abandonada*, *A*

9 Editorial de *O BESOURO*, de 20 de julho de 187, com o título O CEARÁ: "O nosso amigo José do Patrocínio, em viagem por aquella província, enviou-nos as duas photographias por que foram feitos os desenhos da nossa primeira pagina.

São dois verdadeiros quadros de fome e miséria. É n' aquelle estado que os retirantes chegam a Capital, aonde quase sempre morrem, apezar dos apregoados socorros, que segundo informações exactas são distribuidos de uma maneira improfícua.

A nossa estampa da primeira página é uma resposta cabal àquelle que accusavam de exageração, a pintura que so fazia do estado da infeliz província.

Repare o governo e repare o povo, na nossa estampa, que é a cópia fiel da desgraça da população cearense.

Continuaremos a reproduzir o que o nosso distincto collega nos enviar a tal respeito". (O BESOURO, 1878, p. 122).

10 No Ceará, Patrocínio conheceu *O Retirante*, que proclamava ser o órgão das vítimas da seca. O periódico surgiu, em 1º de julho de 1877, e terminou em 24 de março de 1878 (35 números). A primeira carta, enviada do interior do estado, e publicada na coluna *Noticiário*, revelou a indignação pública com os desmandos dos donos do poder, ao enfatizar um padre canalha, comerciante da ajuda dos flagelados:

"[...] Aqui, como aí, trafica-se com as esmolas dos pobres - d´essas almas heróicas abatidas, que se arrastam pelo pó revolto – esfogueado de arábicos caminhos, ou pela lama das calçadas dos vendilhões, dos infames especuladores da caridade pública.

Um sacerdote, verdadeiro lobo entre essas ovelhas, apostata das doutrinas do Gólgota, enriquece: vende em grande escala para o centro o alívio dos desgraçados!

Esse Saturno de sotaina que devora os próprios filhos, as ovelhas confiadas aos seus cuidados, tem se portado como um sacrílego.

Registre-se mais na carta de nosso protesto solene esse nome, que devia com os meios que têm estado a sua disposição ser venerado e acatado.

Protestamos em nome dos desvalidos, em nome d´essas inermes criancinhas que expiram, banhadas as faces com as lágrimas da consternação maternal!

Protestamos! "(O RETIRANTE, 8. Julho 1877, nº 3, p. 2)

O comportamento execrável de padres é tema de Patrocínio na sua narrativa.

Retirada e A Capital-, inicia-se em março de 1877, na vila de B.V. (Boa Viagem). Todos temem uma seca prolongada, a qual vai provocar o êxodo da população, a partir de outubro do mesmo ano, por estradas desertas e perigosas, em direção à Fortaleza.

Protagonistas da viagem interna e externa, pela miséria da natureza, fauna, flora, animais e pessoas, são o predador sexual, Padre Paula e suas ingênuas amantes, Mundica e Eulália.[11] Os caminhos tortuosos deles cruzam-se ao longo da odisséia pelo sertão em episódios de paixão, ciúme e terrorismo. Em Fortaleza, elas estão derrotadas e ele fica incólume às tragédias físicas, psicológicas e morais que provocou.

Os horrores da seca e sua dimensão ecológica, religiosa e social refletem o espaço do sertão cearense em transe (*locus horribile*) que degrada seres humanos e transforma muitos em bestas movidas pelo instinto de sobrevivência, e que são abordadas no romance que contém características cientificistas e realistas-naturalistas.[12]

11 Padre Paula seduziu a jovem Raimunda, filha do sacristão Marciano, indiferente aos comentários dos paroquianos. Ele fazia visitas quase diárias à residência da família numerosa e pobre, para desfrutar da "beleza oriental de Mundica, a quem chamava de 'afilhada'. Começou também um processo de sedução de Eulália, de 16 anos, filha do professor Queiroz, simulando interesse e desprezo em um jogo canalha, pois o distinto pai da jovem e sua tia jamais poderiam pensar na possibilidade de tais atitudes.

No velório do genitor de Eulália, o sedutor procura intimidades com ela a qual está desesperada. Padre Paula expressa: "- Mau começo – resmungou ele com azedume. - Vamos ter uma lua-de--mel tresandando a cadáver". Apesar da recusa da moça, o predador diz: "- Não, eu quero que me escutes hoje, agora, em face de um cadáver e diante de Deus, o grito que há longos anos repito e que sinto sufocar-me o peito: eu amo!...te amo!... amo-te muito!". E consegue desvirginar a jovem: "Eulália, desorientada, sem energia, sem vontade, entontecida pelas vigílias e pelo choro, opunha fraca resistência à sedução vitoriosa". Com a confirmação da gravidez, exige o aborto, de forma violenta, mas sem sucesso: "-Não poderás, Eulália; lutarás em vão, porque para as mulheres como tu, não há perdão - murmurou o vigário. "- Cede... pelo amor que tinhas pelo seu pai, cede..." (PATROCÍNIO, 2014, p. 149-150 e 166).

Rejeitada, Mundica começa a perseguir Eulália e anuncia, dentro da igreja, a gravidez dela, revelação que a torna inimiga mortal de padre Paula.

Sedutor incorrigível, o vigário exigiu o aborto de Eulália; apunhalou um suposto rival; incitou os retirantes ao saque de um posto de ajuda aos flagelados; acusou a inocente Mundica de um roubo; entre outros delitos não condizentes com sua profissão clerical, mas que se deu bem. Ciente das imensas faltas do padre, acusado pelo seu comportamento inadequado na antiga paróquia, segundo notícias publicadas em um jornal da capital, o bispo de Fortaleza o protegeu e o nomeou para uma grande paróquia.

12 O discurso científico da época foi influenciado pelo materialismo evolucionista e biológico de Charles Darwin (1809-1882); pelo estudo da histeria feminina de Jean Martin Charcot (1825-1895); pela patologia mental (atavismo do criminoso para o mal e nevrose do homicídio) de Cesare Lombroso (1835-1909) e pelo determinismo biológico e psicológico de Hippolyte Taine (1828-1893), que abordava a influência do meio socioeconômico determinantes do indivíduo e suas reações e

Os sinais da estiagem tinham sido recorrentes no final do ano de 1876, e os paroquianos participaram da procissão de prece à Nossa Senhora da Piedade que refletia o desespero e a busca de um sinal dos céus para a chegada das chuvas:

> Desde dezembro uma tristeza densa, como um nevoeiro, tinha empanado os espíritos ao verem a florescência dos cajueiros esperdiçada aos calores crus do estio. Nem um suor de tempestade embaciou a atmosfera, sempre de limpidez cristalina. Começou desta data a devoção solene, mas foi inteiramente em vão o apelo para o céu diante da misantropia da natureza. Os dias secos e ardentes continuaram a devastar o gado, as plantações e as pastagens, ao passo que os rios e os açudes empobreciam como fidalgos pródigos. (PATROCÍNIO, 2014, p. 1)

A degradação da natureza agravava-se cada vez mais, o volume de água do rio Jaguaribe diminuía consideravelmente e o gado morria à míngua:

> Estava-se já em princípios de março, e a fatalidade parecia ratificar a crueza de tais predições. Do alto da colina, em que está a sede da paróquia, com suas casas esparsas pela extensão das ruas embrionárias e pelo contorno da praça; com a sua igreja caiada, sem torres, tendo um telheiro por campanário, viam-se os incalculáveis estragos do verão. Era um espetáculo solene e tristonho. A planície estendia-se amplamente, semelhante a uma cicatriz enorme no meio do verdor sadio das carnaubeiras novas e das grandes touceiras de mandacarus, cujos grupamentos de estolhos semelhavam-se a órgãos de esmeralda encravados na charneca. Os pequenos casais, que apareciam ao longe, com os seus tetos de palha, as suas paredes caiadas, e os currais de pau-a-pique, desertos e negros de estrume, recordavam outras tantas tendas da penúria. O rio Jaguaribe, perdida a abundância hibernal, estava reduzido a algumas poças. As suas ribanceiras descobertas, altas como dois muros; o seu leito despido em vastas coroas de areia, amarelas como âmbar, pareciam uma vala de cemitério, babando viva gula de cadáveres. Uma nuvem de urubus, que, dividindo-se e subdividindo-se, ora pousava nas capoeiras ou no solo, servia de outros tantos marcos à morte. É que o gado caía por centenas, como num matadouro, ou, faminto e sedento, cambaleava a fraqueza das suas

o comportamento psíquico subordinado às condições fisiológicas (impulsos inatos, bem como a hereditariedade e a "bestialidade" humana subjacente). As tendências cientificistas influenciaram o escritor francês Zola, cuja obra teve ecos no Brasil.

> ossadas a roer folhas mortas pela intensidade da canícula. (PATROCÍNIO, 2014, p. 2)

O vigário Paula, ao constatar os sinais da estiagem, rememorou as palavras proféticas de um capuchinho italiano, que passara pelo sertão dizendo: "- Em 77 muito rasto e pouco pasto; em 78 muito pasto e pouco rasto". (PATROCÍNIO, 2014, p. 5)

4.1-A paisagem de ruínas da natureza, das pessoas e das propriedades

Em *Os Retirantes* surgem as primeiras cenas detalhadas da literatura brasileira sobre a diáspora humana por causa da seca e da fome na parte 1- *A Paróquia Abandonada*. [13] Inicia-se com a chegada em B.V., de desesperados que fugiam da falta de

13 No primeiro momento, A Paróquia Abandonada (21 capítulos), a ação indica o início do ano de 1877, em B.V., e enfatiza as primeiras manifestações da seca na Província do Ceará. O padre Paula revelou-se um conquistador contumaz, cativou Raimunda (Mundica), filha do sacristão Marciano, e assediou a casta Eulália, a quem conhecia desde a infância e que era a filha do Professor Queiroz.

Na época anterior, o enciumado vigário apunhalou Augusto Feitosa nas costas, mas o rapaz tinha um romance secreto com Irina Monte, amiga de Eulália. Padre Paula acusou Rogério Monte de ter tentado matar o rapaz que se vira contra o pai da amada. Criador de animais, ele estava endividado por causa das consequências da seca na manada e tentou vender alguns escravos. Partiu com a filha para Aracati.

A empregada do padre encontrou indícios de um crime: a água ensanguentada na bacia e as roupas manchadas dele. O punhal do delito, o qual tinha as iniciais do dono, foi roubado por Eulália, abalando o autor.

O vigário foi nomeado chefe da comissão de socorros aos flagelados e as mercadorias estavam no armazém de Antão Ramos. Um primeiro grupo de retirantes chegou à vila, a fim de enterrar o patriarca, mas o religioso exigiu pagamento para a cerimônia e se apoderou de todo o dinheiro deles. Um dos homens, Virgulino da Silva, tinha a marca de uma cruz na testa que era o sinal de um criminoso e, devido ao estigma visual, somente Rogério Monte e sua filha Irina acolheram os retirantes. O sinal tinha sido feito pelo pai do rapaz como punição à agressão dele ao filho do patrão fazendeiro: o rapaz tinha se aproximado com interesses sexuais à sua irmã.

O grupo alojou-se em um engenho abandonado. Com outros homens,Virgulino, sem dar satisfação, abandonou a família para se juntar aos bandidos Viriatos do Cariri.

Padre Paula jogava com Mundica e Eulália, a quem seduziu sexualmente no dia do velório de seu pai, a engravidou e exigiu o aborto. O sacristão insinuou sobre a gestação para a tia da moça e a rival revelou o fato ao público na igreja, causando revolta nos paroquianos. Apavorado, o religioso passou o dia todo escondido em um grande armário na sacristia. A humilhada Eulália fugiu sozinha pela estrada perigosa, levando o punhal ensangüentado de Paula, amarrado ao peito.

Na noite deste fatídico dia, os retirantes, antes incitados pelo vigário, invadiram a vila e atacaram o armazém de Antão Romão para pegar os alimentos. Durante a violência morreram o dono e familiares, bem como o sacristão Marciano. No meio do tumulto, Padre Paula, disfarçado de vaqueiro, fugiu, mas foi atacado por Joaquim Maluco a quem assassinou, e partiu para a estrada rumo a capital.

água. Um familiar do moribundo patriarca relatou que saíram de Maria Pereira (hoje Mombaça), região de Inhamuns, passando por diversas agruras.

Pelas experiências de vida, segundo sua narrativa, o patriarca no seu "entendimento do tempo" consultou os elementos da natureza – as falas das pedras e as mensagens da cores–, que revelavam verdades climáticas:

> Pelos seus cálculos o Ceará estava perdido. Há duas pedras na serra Grande, a Itaquatiara e a que ele chamava Rei do Fogo. Quando a Itaquatiara fala com a sua voz de pedra, há inverno; mas quando por alta noite o Rei do Fogo acende o seu penacho de luz muito azul e cor de ouro, é um ano de seca. O velho soube que por três vezes brilhou a chama do facho que ninguém acende, e fugiu aos três anos de seca, de epidemia e de morte. Inhamuns, porém, estava muito crestado da seca, e o pouco que o narrador e seu irmão tinham dava mal para sustentar as suas famílias. Extinguiu-se logo depois da chegada do velho com a sua gente, e então para fugir à fome resolveram partir. O velho coitado, não pode resistir às longas jornadas, e nesse dia pela madrugada tinha morrido, deixando uma ninhada de dez filhos. (PATROCÍNIO, 2014, p. 28)

Na ocasião da chegada deles em B. V., vila na qual havia uma comissão de socorros aos flagelados com distribuição de rações alimentícias, feita na venda de Antão Ramos, são confrontados com a canalhice do padre Paula que encomenda o corpo, mas se nega ao enterro em cemitério, sem pagamento, sabendo que eles dispunham de escassos recursos. Como honorário, ele aceita uma corrente de ouro com uma cruz que presenteia à sua amante Mundica. As pessoas chegaram em condição degradante:

> Eram de Inhamuns, mesmo do interior do sertão; tinham abandonado um pedacinho de terra que possuíam, porque Inhamuns era hoje o mesmo que uma fornalha. A gente, de alpargatas, sentia tanto calor que nos pés como se estivesse descalço sobre brasas. Ia para 30 dias que o defunto, a quem Deus falasse na alma, tinha chegado a Inhamuns. Era de muito longe; morava lá para Maria Pereira, por esses bibocões do mundo, e, muito sabido no entendimento do tempo, não quis mais esperar para ver em que dava o verão. O velho meteu a cara e veio de

> cabeça baixa, navegando por esses estradões fora que, até, Virgem! Era um desconforme. (PATROCÍNIO, 2014, p. 28)

Ouvinte das terríveis notícias, Antão Ramos perguntou "- Mas já está tudo mau por lá, que é preciso fugir?" e teve a seguinte resposta:

> -Já para um ano- continuou o narrador - não pousam em bando sobre as ramagens da oiticica as nuvens de papagaios e periquitos, e há mais de seis meses come-se a farinha ralada do miolo da carnaúba. A terra está rachada de secura, e da gadana não resta mais do que a ossada branca. Nós só deixamos a nossa terra, quando não tínhamos nem mais uma cabeça de gado; o último boi que apuramos é que nos tem servido para comer na viagem. Está tudo num desespero, e vem aí abaixo um povaréu de meter medo. (PATROCÍNIO, 2014, p. 28 e 29) Os retirantes pareciam espectros humanos, mirrados e desumanizados. [14]O sacristão Marciano reconheceu em um deles o sinal de bandido, uma cruz riscada na testa,[15]alertando a todos que desejavam abrigá-los

14 "Dir-se-ia um volvo da miséria trazida ao templo acintosamente, e ao vê-lo misturava-se a comiseração com o nojo. Nos rostos escaveirados, a máscara da fome estagnava-lhes os olhares numa quietação comatosa, e dava-lhes às fisionomias a acentuação do idiotismo. O desleixo enxovalhava a mocidade, envilecia e deformava a meninice. Uma velhinha de pele pergaminhada, já não podendo suster-se nas pernas fatigadas, sentou-se covando um colo e mostrando os pés inchados, com profundos vincos das correias das alpargatas. Pestanejando silenciosa, com os braços descaídos, lembrava-se a gente das parcas sombrias que o cinzel assenta sobre os túmulos. Duas mulheres que traziam nos braços os filhos cobertos com uns farrapos esforçavam-se debalde por acalentá-los: as crianças, ao contato daqueles seios muxibentos, vagiam com o ruído fraco e triste dos sapos magnetizados. As moças, meio corpo em camisa, deixando a descoberto os colos queimados pelas soalheiras e empastados por escuras máscaras de suor e poeira, pareciam as personificações do desânimo. Os seus olhos cearenses, olhos cheios de erupções de altivez, ou de humildades de escrava, conservavam-se baixos, como se quisessem defender-lhes os seios virgens, que tufavam no morim encardido das camisas puídas. As crianças completavam o quadro: vestidas com umas camisolas que mal cobriam os ventres hidrópicos, cabelos emaranhados e piolhosos, olhos ictéricos, o tórax deprimido, braços e pernas atrofiados, pés inchados até os artelhos, assemelhavam-se a rãs mortas. Perfiladas e seguras aos vestidos das mulheres, chupando gulosamente os dedos, narravam no seu semblante bisonho uma longa história de sofrimento". (PATROCÍNIO, 2014, p. 32 e 33).

15 Famintos e exaustos, pediram pouso na vila, mas o sacristão Marciano reconheceu em um deles, Virgulino da Silva, o sinal de um estigma de ladrão, a tatuagem de cruz na testa:

"-É um ladrão que está aqui, uma corja de ladrões, uma ninhada de ladrões. [...]

O sertanejo, humilhado, cambaleando, levou maquinalmente a mão à fronte, como se quisesse apagar dai o sinal infamatório, mas retirou-a logo com a ligeireza de quem se queimasse num ferro em brasa. O pânico e o desespero injetaram-lhe os olhos de sangue e deixaram-no boquiaberto. [...]

- Eu juro por Nosso Senhor Jesus Cristo - soluçou o desventurado, a quem visavam as acusações. - Não sou um ladrão.

E, caindo aos pés do impassível Paula, ajuntou:

-Deus está vendo, fulmine-me com um raio se eu minto... (PATROCÍNIO, 2014, p. 31 e 36).

> por uma noite. Somente Rogério Monte se compadeceu e acolheu as 23 pessoas.

Na chegada dos retirantes, exaustos, desnutridos, imundos e em luto, Padre Paula não sentiu dó nem piedade. Estava, como um predador felino, imerso em pensamentos eróticos e animalescos com Eulália, que conhecia desde criança:

> O vigário, porém, indiferente ao que lhe ia em torno, fumava a longas baforadas, imerso numa distração profunda. Tinha os olhos pregados na casa de Queiroz, onde Eulália e suas irmãs apascentavam também a sua curiosidade, no grupo formado à porta do templo. Esse olhar agudo, cheio de ludibricidade de sátiro, como que rompia todos os arcanos do pudor de Eulália, e mergulhava o observador no delírio de uma festa orgíaca. Balançando-se nas pernas encurvadas e bambas, acendendo cigarros uns após os outros, o seu semblante reproduzia o contentamento do tigre aspirando o cruor quente da vítima. (PATROCÍNIO, 2014, p. 31)

Durante o êxodo para Fortaleza, passando por Quixeramobim, Quixadá, Conceição, Baturité e Arronches, os viajantes observavam que a estiagem provocava a não somente a fome, bem como enfermidades mortais, que são evidentes em uma vila próxima de B. V., cujo padre chama-se Belmiro. A localidade anônima tinha se convertido em um "hospital de moribundos, vítimas de anasarca que "batia todas as portas com a fatalidade da morte. Acompanhavam-na as febres fulminantes e o grande cotejo de moléstias produzidas pela penúria em que viviam os retirantes". (PATROCÍNIO, 2014, p. 351)

Na estrada, em direção à Quixadá, a degradação da natureza e das casas era assustadora, revelando as propriedades fantasmas:

> O deserto, com o seu corpo pardacento, seco e ardente, havia-se estendido a fio comprido por toda a circunvizinhança. As casas tinham sido abandonadas, e as portas e janelas, desconjuntadas pelas ventanias freqüentes. Agravavam ainda mais a tristeza desses mesquinhos mo-

O sinal infame tinha sido tatuado na testa do rapaz, como corretivo feito pelo próprio pai dele. O jovem agredira o filho do fazendeiro, patrão deles, por ter assediado sexualmente sua irmã.

> numentos da prosperidade extinta da província. A nudez substituíra a vegetação, e o verão deixara um rastro negro sobre os lugares outrora cultivados, como se fora uma lápide sobreposta aos mortos plantios. (PATROCÍNIO, 2014, p. 299).

Muitos viajantes alimentavam-se de uma planta nociva que provocava a morte nos organismos mais debilitados: "Ao lado do caminho viam-se já grandes montes de cascas secas de croata, orquídea venenosa, que entretanto serve de alimentação aos famintos". Ao longe, o grupo sentiu o odor de "pútridas emanações», bem como observou uma cruz tosca e junto a ela "meio coberto pela folhagem, o cadáver de um homem mostrava parte dos intestinos, sob a véstia entreaberta". (PATROCÍNIO, 2014, p. 239). Até Fortaleza são muitos os encontros com paisagens tétricas.

4.2-Paisagem familiar: desagregação da família e decadência

O segundo momento, ***A Retirada***,[16] começa, em outubro de 1877, com a partida de habitantes da paróquia de Padre Paula em direção à capital, em busca de gêneros

16 Nesta parte (XII capítulos) é apresentada a penosa viagem da população de B.V. que começou por causa da diminuição das remessas de gênero, a qual foi ocasionada pela constatação das improbidades dos comissários de ajuda à população.

Quatro famílias partiram rumo a Fortaleza: duas pobres, a de Mundica e a de Maria e, a de Eulália e a de Irina, que tinham recursos, O cachorro Amigo seguiu os familiares de Eulália.

A moça, humilhada pela tia D. Ana por causa da gestação, partiu sozinha, a pé, e chegou à venda do velho Inácio, localizada em uma estrada, onde encontrou um grupo de mascarados. Um deles, Virgulino, reconheceu-a como participante do grupo de apoio aos retirantes em B.V., e a presenteou com uma bolsa com dinheiro. A moça retomou a viagem, foi roubada e violentada por um dos bandidos, Depois do aborto provocado pela violência, ela foi resgatada por um deles e levada à venda, onde foi cuidada pela esposa de Inácio. Chegou ao local D. Ana Queiroz com as sobrinhas: Chiquinha, de 14 anos, e outras duas mais novas. Soube que Eulália ali se encontrava, mas a ignorou, e vendeu jóias a Inácio.

Eulália, que recebeu mais moedas de ouro de Virgulino, seguiu à procura dos familiares, acompanhada por um guia. Entrou em uma vila, assolada pela cólera, na qual Mundica era a amante do viúvo Cassiano, responsável pela comissão de socorros. Poderosa, ela tinha acusado D. Ana e Chiquinha de pegarem mais rações de água do que permitido. A afirmação caluniosa incitou a turba contra elas que fugiram esfomeadas. Chiquinha enforcou o cachorro Amigo e alimentou a todas.

Padre Paula apareceu, disfarçado de retirante, acomodou-se na casa do vigário Belmiro o qual expressou desejo por Mundica. Ao se inteirar que sua antiga amante havia criado problemas para os familiares de Eulália, Paula decidiu se vingar e roubou uma lata de dinheiro que estava na casa de Cassiano. O amante acusou Mundica e a expulsou. No caminho, Eulália viu-a e enviou-lhe mantimentos pelo guia. Maria, esposa de Virgulino seguiu pela estrada com dois filhinhos, sua

de sobrevivência cujo fornecimento fora interrompido devido à denúncia de casos de corrupção no sistema de ajuda.

Quatro famílias conhecidas, entre outras anônimas, partiram para Fortaleza: duas pobres, a de Mundica e a de Maria da Silva, esposa de Virgulino, e a de Eulália Queiroz e de Irena Monte, que tinham recursos.

A família Queiroz. A distinta família do Professor Francisco Queiroz, viúvo, pai de quatro filhas, que eram criadas por sua irmã, D. Ana, começou a decair depois de seu falecimento e da notícia da gravidez da primogênita Eulália. Desonrada diante da comunidade católica, ela fugiu sozinha e praticamente sem recursos pela estrada longa e perigosa. Depois de receber ajuda financeira do bandido Virgulino, que conhecera em B.V., ela pode pagar alimentos e um guia que a acompanhou quase até Fortaleza. Desesperada à busca de notícias de seus parentes, ela foi informada sobre a fatal desgraça da desnutrição:

> -Tem morrido muitas mulheres?
> - É onde a doença faz seu roçado, e nas crianças então não falemos.
> - Santo Deus!- exclamou Eulália, e foi com as lágrimas a marejarem-lhe que perguntou:
> -E como se chama essa doença?

mãe e irmã. Em uma casa encontraram uma jovem mãe morta que tinha também duas crianças. Por piedade, Maria amamentou a mais nova, mas sua genitora preocupada com o leite iria faltar para o netinho e enforcou o nenê alheio.

Todas as três famílias chegaram em Quixadá, Mundica foi até a delegacia e acusou Eulália de roubo, pois tinha muito dinheiro. Ambas foram presas, e a jovem não confessou que as moedas tinham sido presente do bandido Virgulino. Padre Paula apareceu e defendeu Eulália, esclarecendo que a quantia roubada na outra vila tinha sido restituída. Libertada, a moça pagou pelo pouso em casa de duas prostitutas, onde o religioso a visitou e foi rejeitado.

Maria estava também no cárcere de Quixadá por infanticídio ao próprio filho em ato de canibalismo. Virgulino foi informado sobre o delito e com o objetivo de libertá-la, ele incitou as pessoas ao saque do armazém, apunhalou um guarda na prisão e saiu com a esposa que morreu logo depois de fome. Ao retornar para buscar o filho, o encontrou queimado pelo fogo, ateado pela população revoltada com a fuga de Maria. Desesperado, ele se matou.

O próximo destino de todos os retirantes era Conceição, os quais deixaram Quixadá que logo depois foi tomada por enfermidades, como anasarca, resultante da fome. Seguiram até Baturité, cuja entrada havia sido barrada para os famintos. Eulália mentiu, disse que era da serra, entrou na cidade, mas não encontrou os familiares. De dentro do trem na estação de Arroches, a moça viu sua irmã Chiquinha na plataforma.

> - Ora é muito de ver! Quem vem de cima não sabe o nome da doença dos retirantes?! É a fome... (PATROCÍNIO, 2014, p. 374).

D. Ana, Chiquinha, com quinze anos, e as três menores tinham saído da paróquia com dinheiro e jóias de ouro que facilitaram a compra de alimentos a preços exorbitantes. Sem capital e sem ajuda, Chiquinha teve que tomar uma decisão radical:

> A moça hesitou inda, mas afinal, como se fosse tomada de um acesso de loucura, levantou-se, e, tomando um dos tições, chamou com uma castanhola o nobre cão, que as seguiu sem relutar. [...] e Chiquinha, entrando para o compartimento destinado à cozinha, amarrou com as cordas da rede o pescoço do Amigo. O animal, levantando-se nas patas traseiras, estendeu para ela as dianteiras e pousou-lhas sobre o ombro, como se a buscasse abraçar.
> O choro da caçula, a sua triste queixa de que ia morrer soaram com mais força. A moça revestindo-se de uma heroicidade semelhante à alucinação, passou em um dos caibros a corda e puxou-a até que o fiel companheiro dos seus infortúnios começasse a sentir os primeiros efeitos do estrangulamento.
> D. Ana, ouvindo o latir engasgado do Amigo, correu até o lugar da execução, mas Chiquinha longe de desanimar comunicou à tia a sua resolução e dentro em pouco o corpo do nobre animal caia em terra, inerte e sem vida.
> - Vamos, minha tia, é preciso ter coragem, ou senão veremos todas aquelas crianças mortas.
> Horas depois, as duras carnes do Amigo faziam calar a caçula, e, satisfazendo as duas meninas mais velhas, diminuía a dor das duas senhoras. (PATROCÍNIO, 2014, p. 303).

A família do sacristão Marciano. Por receber um salário indigno, insuficiente na época da seca, o sacristão sentia remorso "de ter aberto demais as portas de casa à necessidade de ganhar o pão. [...] -Antes isso; não quero mais comer daquele homem. O dinheiro, que ele manda para... a sua afilhada, não passará mais pelas minhas mãos. Receba-o quem quiser". A prostituição de Mundica, na casa e na paróquia, levou o pai a optar pelo retiro:

> As últimas palavras de Marciano encheram de esturpor os circunstantes. O cearense prefere a penúria a abandonar o torrão natal. Só quando a fome bate-lhe inexoravelmente à porta, quando a cova escancara-se-lhe aos pés de modo que o menor passo no solo do seu berço despenhá-loía para sempre nessa pavorosa garganta, cheia de mistérios e de assombros, o desgraçado despede-se das suas charnecas, da sombra das suas carnaubeiras e vai pedir um abrigo nas terras do exílio. (PATROCÍNIO, 2014, p. 153 e 154).

Marciano sucumbiu à fúria dos retirantes, que estavam alojados em um engenho abandonado nas cercanias e atacaram a venda que tinha os mantimentos enviados pelo governo, e mataram o proprietário, a esposa e o filhinho. A esposa e filhas do sacristão seguiram em busca de ajuda. Na vila próxima, Mundica tornou-se amante de um velho viúvo, Cassiano, chefe dos socorros aos flagelados, e exerce um poder perverso prejudicando D. Ana e Chiquinha, parentes de Eulália e a rival. Padre Paula, que chegou depois, foi informado dos desmandos dela e roubou uma lata de dinheiro atribuindo-lhe a culpa. Expulsas, Mundica e familiares, vão penar muito até chegarem à capital.

A família Silva. Virgulino da Silva, sua esposa Maria e dois filhos pequenos, bem como outros familiares, tinham chegado em B.V., fugidos da seca. Ele os abandonou, sem dar satisfação alguma, e se juntou ao bando dos Viriatos do Cariri. [17] Maria prosseguiu com os meninos, sua mãe e duas irmãs em busca de socorros. Ao chegarem em uma casa abandonada, encontraram uma morta na rede, com um nenê de cerca de seis meses junto ao seio. Compadecida, ela o amamentou e provocou ódio em sua mãe que temia que o leite seria escasso para o neto. Com "olhar hostil, minucioso como um microscópio", a idosa atacou o nenê com um lençol e o sufocou. (PATROCÍNIO, 2014, p. 245).

17 Um dos companheiros disse a ele: "-Fique certo, Virgulino, de que eu não fui convidá-los para virem comigo, só para fazê-los bandidos dos Viriatos. Bandidos são todos os homens em certa hora da vida. Eu fui chamá-los para dar-lhes com que alimentar as suas famílias; tomamos aos que têm e não querem dar aos que morrem de fome. Os juízes e os ricos podem nos condenar; os pobres chamarão ao que fazemos igualar as necessidades". (PATROCÍNIO, 2014, p. 209)

Sem o conhecimento do infanticídio, Maria separou-se dos familiares e seguiu pela estrada perigosa com os filhinhos. Com fome intensa, tomou uma atitude bestial:

> No seu olhar estampou-se o batalhar de sentimentos opostos que a desvairava e a criança, que se havia assentado acordando sobressaltada, teve tanto medo que se foi abraçar com o irmãozinho. Ela fitou-o com a gula do tigre e, gatinhando como ele, com movimentos largos, mas sem ruído, foi parar a pequena distância. Tornou-o a fitar e como se fosse uma jibóia esfamaida se intumescesse dentro em si, empregando toda a sua elasticidade para dar força e precisão ao bote, encolheu-se e de um salto agarrou pelos cabelos a mísera vítima, levantou-se até a altura dos lábios, cobriu-a pela última vez de beijos, como a jibóia cobre a presa de baba, e perdeu de todo a cabeça. (PATROCÍNIO, 2014, p. 315)

Depois de bater a cabeça da criança até a morte, Maria preparou -o para consumo:

> Ardia vivo, no meio do compartimento da casa, o qual devia ter sido a cozinha, um grande brasido sobre o qual chiava um pedaço de carne. De costas para ele, acocorada defronte do cadáver nu de um menino, a mulher, munida de uma pequena faca, descarnava-lhe uma das coxas, cortando a frieza de um carniceiro as carnes de um boi. (PATROCÍNIO, 2014, p. 316)

Quando imolava o próprio filho, ela foi surpreendida por um grupo de retirantes que chegou naquela casa abandonada e a levou para a delegacia de Quixeramobim. A visão do cadáver do pequenino provocou fúria da multidão que tencionava linchá-la:

> Ao ver o corpo da criança barbaramente mutilado, cortadas as bochechas de modo que ficaram a descoberto os parietais, os maxilares, os dentes encravados numas gengivas já roxeadas, uma das coxas quase toda descarnada, a multidão teve um assomo de indignação contra a autora do crime, e tão violento que só o respeito de que gozava a autoridade evitou que ele fosse fatal.
> -Morra a fera!
> - Façamo-lhe o mesmo que ela fez à criança1
> -Deite-se ao fogo esta mãe desnaturada1
> -Morra a perversa! (PATROCÍNIO, 2014, p. 318)

Detida, Maria foi libertada pelo esposo Virgulino, que soubera do crime brutal, [18]mas sucumbiu à fome e provocou o suicídio do cônjuge.

A família Monte. A situação de Rogério Monte e sua filha Irina vai ser diferente, pois dispõem de poucos recursos. Vão até Aracati, e seguem de barco até a capital.

4.3-A paisagem de Fortaleza, invadida pelos retirantes

Na parte 3- *A Capital*-,[19] são apresentadas a chegada de várias famílias, oriundas de B.V., à Fortaleza que se encontra em uma situação de efervescência social, por causa das mazelas da seca. A população local estava assustada com o elevado número de retirantes, esquálidos, doentes, em andrajos e fedidos, que circulavam pelo centro da cidade, pedindo esmolas. A paisagem humana era assustadora:

18 Muitos casos de canibalismo foram registrados e veiculados pela imprensa.

19 No terceiro momento, A Capital (XVI capítulos), os retirantes encontraram hordas de desesperados que recebiam insuficientes rações de água, mantimentos e medicamentos. D. Ana e sobrinhas estavam em um dos abarracamentos populares, onde Chiquinha foi assediada sexualmente pelo comissário de ajuda, fato que provoca a fuga delas para outro. Encontraram Eulália, que tinha ficado duas semanas no hospital, por inanição, mas a tia foi inclemente e não permitiu o contato dela com suas irmãs.

Padre Paula e Eulália se viram, e ele destilou seu ódio por causa do furto de seu punhal e da rejeição dela, jogando a seus pés uns cobres como forma de pagamento pelos serviços sexuais dela na paróquia. Augusto Feitosa, que estava à procura de Irina e seu pai, Rogério Monte, os encontrou, em Fortaleza, no hospital: ela, febril, ele, cego e inchado, em consequência da anasarca, uma doença provocada pela fome. Anteriormente, os dois trabalhavam: ele como carregador de pedras para construções na cidade, como forma de receber ajuda do estado; e ela fazia rendas. Depois do enterro de Rogério, o casal reconciliou-se.

Para permitir uma melhor estadia para a família, Eulália tornou-se prostituta com várias concorrentes e acabou no baixo meretrício, juntamente com Mundica. Decidida a procurar uma vida melhor para as irmãs, a moça convenceu a tia a emigrar em navio fretado pelo governo e acompanhou o embarque delas.

Deteriorada, física e emocionalmente, o estado de saúde de Eulália piorou. Suas colegas de profissão e de moradia tentaram levá-la ao hospital, mas ao passarem pela praça central foram detidas pela polícia, abandonando a colega moribunda que foi vista por inúmeras pessoas indiferentes. Na tarde deste dia realizou-se nas proximidades o enlace de Irina e Augusto, cujo cortejo passou pelo local, onde a recém-casada reconheceu o corpo da amiga que foi levado para a sua casa. Junto à falecida os dois encontraram o punhal com as iniciais do padre manchado de sangue e com ele Eulália foi enterrada.

Padre Paula, sedutor de menores, que tentou matar Augusto Feitosa e assassinou Joaquim Maluco, incitou retirantes a saques, entre outros delitos, saiu ileso, física e moralmente, com a ajuda da cúria.

> As crianças estavam quase todas nuas, e as suas faces escaveiradas, as barrigas monstros, as pernas muito finas revelavam que a estada na capital não lhes havia melhorado a sorte. As mulheres estavam em tão completo de miséria, que algumas delas mal podiam guardar a compostura e defender o pudor. (PATROCÍNIO, 2014, p. 372).

Nos locais de distribuição de rações, o "povo apinhado sussurrava como um enxame de varejas sobre um animal putrefato, e a especulação, postada em cada esquina, explorava-lhe a miséria. [...] Era o mercado da fome". Os alimentos distribuídos não eram suficientes para aplacar as necessidades das famílias e, por isso "A honestidade, posta em feria, aleiloava-se ali como em todas as cidades do Ceará, e a depravação passeava sobranceira e ovante através da fome alucinada e cobarde". (PATROCÍNIO, 2014, p. 376 e 381). A degradação humana era aviltante:

> O leilão da honra tornou-se um fato comezinho entre os desgraçados. Os maridos, os irmãos, os pais acossados pela fome entregavam esposas, irmãs e filhas à libertinagem a mais desenfreada, para dela tirarem a subsistência. A prostituição, esta nódoa que outrora não se lavava nunca mais aos olhos do povo sertanejo, tornou-se uma coisa comezinha, a respeito da qual não se discutia. (PATROCÍNIO, 2014, p. 448)

Mundica chegou com a família em condição estarrecedora, sem saúde e sem beleza. Seu fim foi no baixo meretrício para o qual levou suas irmãzinhas:

> Uma claridade dissipou o lusco-fusco que ensombrava o lugar e a companheira pode ver, sob o lampião, uma mulher que olhava fixamente para a casa. Vestia uma porção de andrajos; cobriam-lhe a cabeça uns farrapos de toalha pardos de sujo, e pelos rasgões do corpinho viam-se-lhe os seios tufando uma camisa encardida. De uma estatura nobre, direita, a mulher parecia uma aparição vingadora, vomitada pela miséria. [...] Avilanada desde os tempos da paróquia, a rapariga havia na capital descido ao mais baixo e sórdido da perdição. Fazia parte da concorrência infame da vizinhança dos quartéis, e aí, aguardentada, fumando, vozeando e lutando, arrastava miseravelmente a vida, passando as semanas parte na cadeia, parte na mais assombrosa dissolução. Especulando com a virgindade e frescura das irmãs, Mun-

> dica desde logo que pediam esmolas, especialmente nos hotéis e às reuniões dos rapazes. (PATROCÍNIO, 2014, p. 465 e 480).

Era possível ver pessoas, que fumavam e conversavam, carregando corpos: "Amarrados pelos artelhos, pelo ventre e pela nuca, espichavam-se dois cadáveres ao longo de um caibro. Iam, demais disso, completamente nus e estavam cobertos de pastas de imundícia. (PATROCÍNIO, 2014, p. 373). Outro morto destacava-se:

> Era a vítima da anasarca; a inchação o deformava e tornava-o repelente. Largas fendas nas pernas dessoravam, desafiando a gula de um mosqueiro, que esvoejava e pousava sobre o corpo, ora sugando-o nos lagrimais, ora nos beiços roxos, de que escorria um ló de escuma, ora penetrando nas fendas fétidas. O cadáver tinha como sudário uma tanga feita com um pedaço imundo de lona. (PATROCÍNIO, 2014, p. 441).

Muitos morriam por causa de anasarca, como Rogério Monte, que foi encontrado "inchado e cego" por Augusto Feitosa, pretendente de Irina, em:

> [...] uma sala de 40 palmos de comprimento sobre 20 de largo e em que se viam uns trinta e tantos leitos miseráveis, feitos com quatro forquilhas e envarados de bambus, sobre os quais, cobertos apenas por um cobertor de algodão escuro, jaziam os doentes. [...] o recinto fétido e asqueroso. (PATROCÍNIO, 2014, p. 475).

Eulália e sua família foram afetadas de maneira diferente pela seca. Consideradas "fidalgas da roça", D. Ana e suas sobrinhas sofreram com o poder de um comissário de socorro que tentou estuprar Chiquinha. Elas foram encontradas por Eulália que se tornou prostituta ralé para manter-lhes uma vida digna e que organizou a migração delas para outro estado em navio fretado pelas autoridades. Melancólica e doente, a moça foi decaindo cada vez mais até que, moribunda, estava sendo levada pelas colegas de profissão ao hospital quando foram detidas pela polícia. Largada em praça pública, ela morreu na condição de indigente: "Dois homens haviam já amarrado os braços e pernas de um cadáver de mulher em torno de um pau e agora aperta-

vam-lhe também o corpo. O vestuário, porém, não era o de uma retirante e por isso mesmo chamava a atenção". (PATROCÍNIO, 2014, p. 506). Nesse exato momento, foi reconhecida por Irina que regressava com o esposo Augusto Feitosa da cerimônia religiosa de matrimônio. Velada na casa da amiga, a prendada, bela e religiosa Eulália foi vítima do Padre Paula e das consequências da seca que provocou o aviltamento à dignidade da pessoa humana.

5- A recepção da crítica literária

Publicado em folhetins da *Gazeta de Notícias*, nos anos de 1879 e 1880, *Os Retirantes* foi tema de comentários da crítica especializada da mencionada folha, por Da Saison, na Revista *Illustrada*, por A. Gil, e no jornal *Novidades*, por Araripe Júnior.

Da Saison, na coluna *Bibliografia*, da *Gazeta de Notícias*, edição de 9 de abril de 1880, destaca o sucesso do romance *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, de Patrocínio, e as qualidades literárias de *Os retirantes* que não alcançou o mesmo resultado junto ao público-leitor. E, por isso, o crítico questiona:

> A quem cabe a culpa?
> Ao autor?
> Sim; evidentemente ao público, dividido em duas porções - uma que podia formular um juízo discreto, e é indiferente; outra, sem imputabilidade, que sentencia tiranicamente do que não entende.
> Eis porque (sic), apenas publicados dez ou doze folhetins, o romance granjeou logo o qualificativo de maçador, cruel e imerecido.
> O silêncio, calculado ou hostil, concorreu não pouco para a aceitação desse arresto, que se dilatou pela opinião como uma nódoa de azeite. (DA SAISON, 1880, p. 2).

O crítico A. Gil da Revista *Illustrada*, na coluna *Bibliografia*, do início de 1880, elogia o realismo do romance, destacando a observação direta do escritor das consequências da seca, refletidas na obra:

> A acção passa-se no Ceará, na epocha bem calamitosa da última secca; e o autor, tristemente impressionado com as descripções que nos traziam os jornaes do norte, foi especialmente áquella província para escrevel-a. Esta circunstancia e a musa recta e justiceira do jornalista-litterato previnem desde logo o leitor de que não se trata de uma obra fantástica, mas de uma história real, cujos personagens existiram, se não com os mesmos nomes, mas com os mesmos instinctos e caracteres, que appareceram verdadeiros no meio das scenas tristes e comoventes que o Ceará foi o theatro. (GIL,1880, p. 7).

O crítico sinaliza que, o romance rompe os paradigmas do Romantismo vigente. Vale lembrar que ação destaca os amores de um devasso e vingativo padre, que tenta matar um suposto rival e assassina um senhor em legítima defesa, exige o aborto de uma de suas amantes, incita os retirantes em um saque ao armazém de alimentos, entre outros tipos de violência. Para A. Gil, o insucesso deveu-se ao seguinte fato:

> O fim do romancista foi sobretudo descrever-nos estas scenas, interessando ao mesmo tempo o espírito do leitor com a narração dos amores de um padre amoroso e debochado, circunstância muito natural para afugentar certa classe de leitores.
> A nova escola, a escola da justiça terá ainda que luctar muito tempo contra os velhos preconceitos, contra as convenções das antigas escolas litterarias em que educou-se ou estragou-se o gosto do publico, habituado as fantasias fáceis, em detrimento embora da realidade. O público lê com grande avidez e sem a menor perturbação digestiva história dos crimes que tem origem no confessionário e na sacristia, com uma condição de ser essa história narrada ou comentada nas gazetilhas diárias ou perante os tribunais civis; mas desde que o romancista apodera-se dela para expô-la em toda a sua hediondez, o público rejeita-a, desespera, clama contra o autor do livro e, não tendo o poder de condená-la as fogueiras da Inquisição, satisfaz o seu ódio atirando o livro à fogueira da sua cozinha... É o que deve ter acontecido a mais de um exemplar de os Retirantes, em que José do Patrocínio respeitou a verdade quando ainda mais crua, descrevendo com grande talento todas as misérias que foi especialmente testemunhar. (GIL,1880, p. 7).

Araripe Júnior, em *A "terra" de Emilio Zola e o "homem" de Aluísio Azevedo: O romance no Brasil- invasão do naturalismo*, publicado em *Novidades* (28 de março de 1888), revela que o romance de Patrocínio não foi bem escrito, tampouco convincente:

> Como sabem *Os retirantes* são a história da ultima seca do Ceará. O autor embarcou-se um dia para ir estudar o fato, no próprio teatro dos acontecimentos, e quando voltou, ainda tomado pelas emoções da viagem, travou da pena, e lançou no papel essa odisseia da fome. Não havia assunto que se prestasse mais as fúrias de um realista de raça do que essa catástrofe sem nome, aonde todos os espécimes da miséria e da degradação humana tiveram o seu lugar e a sua notação especial. Basta-me dizer que família houve no sertão, que abandonando os seus penates em janeiro de 1888, cheio de orgulho, de honradez e de prejuízos nobiliárquicos, chegasse meses depois nos abarracamentos da capital, com as noções de honra, dignidade e até da família completamente obliteradas, vendo-se então meninas de 14 e 15 anos, despudoradas com perfeitíssimas alimárias, vendendo por 40 reis favores quase cheirando a sepultura.
> Não obstante tudo isto, o romance de José do Patrocínio deixou-me frio. A razão é óbvia. Ele não vivera a vida daquelas cercanias, como a fizera com a de Campos; depois não fora o romancista, o fotógrafo, que se comissionara a terra, que ele mesmo chamou *Terra da Luz*. Quem escreveu *Os retirantes* foi o orador e o orador apaixonado, que chora, sensibiliza-se quando tem de escrever, exalta-se, enfurece-se quando deve observar. (ARARIPE JÚNIOR, 1888, p. 2).

A partir dos críticos e historiadores Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero, inspirados no Romantismo, foi iniciado o estabelecimento do cânone da literatura brasileira, constituído por autores e obras, que refletiam a identidade nacional. José do Patrocínio, com os romances realistas-naturalistas, *Coqueiro Mota ou a pena de morte* e *Os retirantes,* foi severamente criticado por Araripe Júnior e Veríssimo.

Silvio Romero, entretanto, na obra *História da Literatura Brasileira*, enfatiza a importância do jornalista e escritor para a historiografia da literatura e da política:

> Na história literária, terá de ser visto claro e distinto, pairando alto em quatro capítulos diversos: no que for consagrado especialmente aos grandes prosadores, os mais perfeitos mestres da palavra escrita, por-

> que ele era, pelo colorido e pela vibração inconfundível de sua frase, um dos mais genuínos representantes do gênero em nossa língua; no capítulo dos oradores será forçoso destacar sua figura, qual a de um dos que mais eminentemente sabiam manejar essa força admirável e perigosa - a palavra falada; entre os romancistas, porque foi um dos primeiros que mais afoitamente levaram para a novelística as questões sociais entre os brasileiros. Estudando em *Mota Coqueiro* – um caso singularíssimo do modo de julgar em nossas justiças locais; em *Pedro Espanhol*, um exemplo de banditismo existente ainda hoje em todo o Brasil e nos começos do século passado existente até na capital da Colônia; em *Os Retirantes* - a pintura terrível dos fenômenos das secas no Ceará e das cenas pungentíssimas que as determinam; finalmente, no capítulo dos jornalistas - sua presença se imporá. (ROMERO, 1960, p. 1748).

Romero destaca, que apesar dos méritos literários de Patrocínio, o seu trabalho como jornalista será preponderante para a historiografia social, cultural e literária.[20]

Conclusão

> "Quando a necessidade bate pela porta da frente a virtude sai pela porta do fundo".
> José do Patrocínio. *Os Retirantes*, 2014, p. 258.

A fala de padre Belmiro, mencionada cima, que revela uma das infames facetas da seca, é outro *leitmotiv* de *Os Retirantes*, cujos personagens, em estado de ansiedade total, partem de Boa Viagem, por Quixeramobim, Quixadá, Conceição, passando por Baturité, Arronches até Fortaleza: cidades abaladas pela estiagem de 1877 e 1878.

O teórico Yi-fu Tuan escreve que as "paisagens do medo" são:

> [...] as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as

20 Na contemporaneidade, José do Patrocínio está praticamente invisível. Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira* (1959) não o menciona, e Alfredo Bosi na *História concisa da literatura brasileira* (1970), o destaca na lista dos homens que tomaram "as letras como instrumento de ação" (BOSI, 1982, p. 286), sequer comentando sua obra ficcional.

> tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana –mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o mal. (TUAN, 2005, p. 12).

Romance da rota da fome e do medo (doenças, ataque de bandidos ou de outros desesperados pela fome etc.), publicado em 1879, [21] no Rio de Janeiro, pode ser considerado o introdutor do Realismo-Naturalismo no Brasil[22] pois, além de conter elementos psicológicos, científicos e experimentais (Darwin e Taine), expressa o retrato do real, pois foi baseado nas experiências diretas do autor em contato com as consequências climáticas e sociais da seca e em notícias de jornais regionais.

Em tons sombrios, permeados pelo fatalismo dos retirantes, pela brutalidade realista da natureza e das pessoas e, por meio de imagens concretas e subjetivas (áridas descrições da gente, da fauna, da flora e da geografia, canibalismo, etc.),[23] *Os Retirantes* tem caráter de romance-reportagem inédito no século XIX, com suporte de ideias propagadas, principalmente por Taine (hereditariedade, o meio e o momento histórico).

A poética realista-naturalista e o estilo documental e científico do romance de Patrocínio, que revela uma visão desencantada do mundo e que a seca e sua influência no meio socioeconômico determinam certos comportamentos egoístas nos indivíduos pela preservação da própria vida em um ambiente hostil, teve grande impacto em ambientes sociais e literários.

---

21 *Os Retirantes,* publicado, inicialmente, em folhetim, teve sua primeira edição lançada pela tipografia do jornal *Gazeta de Notícias* (1879), a segunda, no ano de 1973, na coleção "Obras imortais de nossa literatura" da Editora Três, e a terceira *on-line* no "Projeto Livro Livre", de Iba Mendes, em 2014.

22 Alfredo Bosi, na obra *História concisa da Literatura Brasileira*, afirma que *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1881, "passa pelo primeiro romance naturalista brasileiro". (BOSI, 2006, p. 200). Ele não menciona *Os Retirantes*, de José do Patrocínio.

23 A narrativa aborda também a sexualidade desenfreada de padre Paula, que agia como um predador sexual (tigre e sátiro) e a "fraqueza física" de Mundica e Eulália que cederam aos impulsos biológicos, foram desvirginadas pelo vigário e se tornaram amantes dele, em uma época na qual a mulher solteira que se entregava aos prazeres da carne era marginalizada.

José do Patrocínio funda a literatura da seca, cuja temática tornou-se *leitmotiv* de outras narrativas, publicadas na mesma época, como *A Fome* (1890) e *O Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo, e *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio. O tema foi retomado no neo-realismo dos anos 1930: *A Bagaceira*, (192), de José Américo de Almeida, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930), *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos etc., obras que contribuíram para consolidar uma imagem extremamente negativa e redutora do nordeste brasileiro, a das desgraças climáticas e pessoais, embora o sertão regional da área tenha normalmente chuvas em abundância para preservação da natureza e das pessoas.

Referências

ARARIPE JÚNIOR. A "terra" de Emilio Zola e o "homem" de Aluísio Azevedo: O romance no Brasil- invasão do naturalismo. *Novidades*, nº 69, p. 2, 28 mar. 1888.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: história e imagem. Trad. de Vera Maria Xavier dos Santos e revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CEARÁ. Falla com que o Exm. Sr. Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, presidente da província do Ceará, abriu a 1ª sessão da 24ª Legislatura da Assembleia Provincial, no dia 1º de novembro de 1878. Fortaleza: Typographia Brasileira, 1879.

GIL, A. Bibliografia. *Revista Illustrada*, anno 5, nº 193, p. 7, 1880. Disponível em:< http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1880_00193.pdf?>. Acesso em: 7 fev. 2021.

JOSÉ DO PATROCÍNIO. Disponível em:<www.biblio.com.br>. Acesso em: 7 fev. 2021.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 178 no Ceará. *Revista Tempo*, nº 22, p. 80-97, jan.- jun. 2007.

NUNES, Francivaldo Alves. Interesses e sentimentos caritativos nas ações de filantropia no Brasil (Caso da seca de 1877). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, ano 1, nº 1, p. 1-11, jul. 2009.

O BESOURO. *O Ceará*. Editorial, p. 122, 20 jul. 1878. Disponível em:< http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749915&PagFis=175) . Acesso em: 7 fev. 2021.

O RETIRANTE. *Noticiário*. 8. Julho 1877, nº 3, p. 2.

PATROCÍNIO, José do. Sermão de Lágrimas. O BESOURO, p. 37 e 38, 4 ma. 1878. Disponível. em:< http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749915&PagFis=52>. Acesso em: 7 fev. 2021.

_____. *Os Retirantes*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em: <www.poeteiro.com>. Acesso em: 7 fev. 2018.

POMPEU FILHO, Tomás. *Ensaio Estatístico do Ceará*. Fortaleza: Tipografia do jornal A República, 1893.

ROMERO, Sílvio. José do Patrocínio, In: _____. *História da Literatura Brasileira.* p. 1748-1750.

SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca*. Petrópolis; RJ: Vozes, 193.

THEOFILO, Rodolpho. *História da Secca no Ceará (1877-1880).*

TUAN, Yi-fu. *Paisagens do medo*. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

ICONOGRAFIA

Figuras 1 e 2. Disponível em:<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=1499>. Acesso em: 7 fev. 2021.

Figura 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749915&PagFis=175) . Acesso em: 7 fev. 2021.